

## Caracterização da caça em comunidades rurais no rio Valparaíso, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil

O uso dos animais cinegéticos como fonte de proteína animal corresponde à realidade de muitos grupos humanos em diferentes áreas tropicais. Identificar as espécies mais consumidas, as técnicas utilizadas e as relações de uso é fundamental para compreender o grau de ameaça às espécies cinegéticas. Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo caracterizar a caça exercida em três comunidades rurais localizadas no município de Cruzeiro do Sul, Acre. Para a obtenção dos dados foram aplicados formulários de caça com os caçadores e não caçadores. Como resultados, foram citadas 17 espécies distribuídas em 14 famílias, sendo os mamíferos a maior riqueza taxonômica ( $n=11/61,11\%$ ), as aves ( $n=4/27,78\%$ ), e os répteis ( $n=2/11,11\%$ ). Quanto as técnicas de caça, a caça a curso ( $n=76/45,78\%$ ) foi a mais citada. Em relação aos animais menos caçados atualmente, foram citados a *Tapirus terrestris* (anta), a *Hydrochoerus hydrochaeris* (paca) e o *Chelonoidis* spp. (jabuti). Os resultados apontam uma grande dependência de uso dos animais cinegéticos como recurso alimentar, e devido à grande pressão de caça, há a necessidade de medidas que viabilizem a diminuição do consumo desses animais nas comunidades participantes.

**Palavras-chave:** Animais cinegéticos; Amazônia; Caça de subsistência.

## Characterization of hunting in rural communities in the river Valparaíso, Cruzeiro do Sul, Acre, Brazil

The use of hunting animals as a source of animal protein corresponds to the reality of many human groups in different tropical areas. Identifying the most consumed species, the techniques used and the relations of use is essential to understand the degree of threat to hunting species. From this perspective, this study aimed to characterize the hunting exercised in three rural communities located in the municipality of Cruzeiro do Sul, Acre. To obtain the data, hunting forms were applied with hunters and no hunters. As a result, 17 species were cited, distributed in 25 families, with mammals being the greatest taxonomic richness ( $n=11/61,11\%$ ), followed by birds ( $n=4/27,78\%$ ), and reptiles ( $n=2/11,11\%$ ). As for hunting techniques, hunting on a course ( $n=76/45,78\%$ ) was the most mentioned. In relation to the less hunted animals currently, *Tapirus terrestris* (tair), *Hydrochoerus hydrochaeris* (capybara), and *Chelonoidis* spp. (tortoise). The results show a great dependence on the use of hunting animals as a food resource, and that due to the great hunting pressure, there is a need for measures to make it possible to reduce the consumption of these animals in the participating communities.

**Keywords:** Hunting animals; Amazon; Subsistence hunting.

Topic: **Conservação da Biodiversidade**

Received: **15/08/2023**

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Approved: **19/10/2023**

Rafaela Estefani de Oliveira Pinho   
Universidade Federal do Acre, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/8401025302495386>  
<http://orcid.org/0000-0003-3580-0342>  
[rafabioanimal@gmail.com](mailto:rafabioanimal@gmail.com)

Tiago Lucena da Silva   
Universidade Federal do Acre, Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/7690860660507761>  
<http://orcid.org/0000-0002-1304-530X>  
[lucenabio@hotmail.com](mailto:lucenabio@hotmail.com)



DOI: 10.6008/CBPC2179-6858.2023.004.0002

### Referencing this:

PINHO, R. E. O.; SILVA, T. L.. Caracterização da caça em comunidades rurais no rio Valparaíso, Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. *Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais*, v.14, n.4, p.16-28, 2023. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2023.004.0002>

## INTRODUÇÃO

A história evolutiva do ser humano desenvolveu-se baseada nas diferentes formas de interação com a fauna, que se traduz nos saberes, crenças e práticas (FITA et al., 2007; ALVES et al., 2011). Com o desenvolvimento da civilização humana, surgiram novas formas de interação com os animais, que incluíram a utilização destes para suprir diferentes necessidades do homem, principalmente a obtenção de proteína animal derivada da caça aos animais silvestres (SHIPMAN, 2010).

A caça, juntamente com a coleta, constitui-se a mais antiga atividade de sobrevivência, e suas origens se misturam com a própria evolução da nossa espécie (STANFORD, 1999; LIEBENBERG, 2013; LEE et al., 2017). Essa prática é, portanto, uma das mais antigas atividades de exploração humana para com os recursos naturais de que se tem conhecimento (ALVES et al., 2010), além de ser fundamental para a subsistência da população humana em diferentes áreas tropicais, principalmente as que vivem em locais isolados (DAVIES, 2002; FIGUEIRA et al., 2003).

Na floresta amazônica, um dos biomas terrestres de maior diversidade biológica, a caça é prática envolvida na história da formação social muito antes da posse e da conquista, onde os ameríndios em diferentes lugares e tempos, praticavam essa atividade (MORAN, 1997; WITKOSKI, 2007).

Entre os grupos animais de maior interesse para a população amazônica estão os mamíferos, aves e répteis, sendo os primeiros, os vertebrados com maior pressão de caça em toda a Amazônia brasileira (PERES, 2000; VALSECCHI et al., 2009). Estudos recentes na Amazônia (FIGUEIREDO et al., 2016; REIS et al., 2018; GUIMARÃES et al., 2019), demonstram que a prática de caça ainda está concentrada em sua maioria nos mamíferos.

Especificadamente no Acre, nos estudos de (MEDEIROS et al., 2006; ROSAS et al., 2007; ALMEIDA et al., 2012; LEMOS et al., 2018; DAMACENO et al., 2019) os mamíferos também representam o principal grupo com maior pressão de caça, sendo a caça de subsistência uma importante prática para a manutenção dos grupos sociais acreanos que residem distante dos centros urbanos.

A utilização frequente e constante de animais silvestres, ao mesmo tempo que é essencial para a subsistência das famílias dependentes desse recurso para obtenção de proteína animal, está apontada como uma das atividades que ameaçam a biodiversidade (MITTERMEIER et al., 2003; LAURENCE et al., 2009; TILMAN et al., 2017).

Como toda exploração de recurso natural, a caça de subsistência, se feita de forma desordenada, pode levar ao esgotamento do recurso em questão e, dependendo do grau de intensidade, acarretar redução populacional ou extinção local das espécies (ROSSER et al., 2002; PERES et al., 2007; DIRZO et al., 2014; RAMOS et al., 2016). Se, por um lado, muitas das espécies cinegéticas são fundamentais por constituírem fonte de proteína animal para as famílias, por outro, a superexploração pode levar ao colapso das populações e, conseqüentemente, da própria fonte de alimento (LOPES et al., 2017).

Embora essa prática seja difundida por toda a Amazônia brasileira, ainda é pouco conhecida a extensão dos impactos causados por ela. Em muitas comunidades rurais sejam elas, as Unidades de

Conservação (UCs), terras indígenas e não indígenas, ainda há uma grande carência de dados em relação a prática de caça, fato esse que acaba fragilizando a gestão dessas áreas e tornando os impactos existentes pouco ou sequer conhecidos.

Nesse contexto, percebe-se a necessidade da adoção de modelos sustentáveis de exploração da fauna que priorizem a manutenção da diversidade, não só contribuindo para a conservação, mas também atendendo as necessidades dos povos amazônicos (BAIA JUNIOR, 2006) e demais grupos sociais que estabelecem relações de uso desses animais.

Conhecer as espécies escolhidas, as formas de captura, a quantidade e o motivo da extração são aspectos fundamentais para compreender a forma de uso e o grau de ameaça da caça sobre cada espécie silvestre (TRINCA, 2004). Nessa perspectiva, esta pesquisa objetivou a caracterização da caça, para identificar as principais espécies caçadas e menos caçadas atualmente, as técnicas utilizadas, os motivos de uso e outras formas de utilização desses animais pelos moradores das comunidades Terra-firme de Cima, Terra-firme do Meio e Terra-firme de Baixo, localizadas na área rural do município de Cruzeiro do Sul/Ac, possibilitando, também, bases para ações específicas de conservação e uso sustentável da fauna do estado.

## **METODOLOGIA**

### **Caracterização da área de estudo**

O presente estudo foi realizado nas comunidades rurais Terra-firme de Cima, Terra-firme do Meio e Terra-firme de Baixo, todas localizadas nas áreas de terra-firme do rio Valparaíso, afluente esquerdo do rio Juruá, a aproximadamente 40 quilômetros do município de Cruzeiro do Sul, Acre, entre latitude -8.00889 e longitude -72.7503, sendo o principal meio de acesso à via fluvial. Essas comunidades abrangem ao todo, aproximadamente 70 famílias que residem entre 1 e mais de 30 anos, sendo uma das principais fontes de renda a agricultura de subsistência (principalmente mandioca também conhecida como macaxeira ou aipim) e extrativismo advindo da flora e fauna (Arquivo da Comissão Pastoral da Terra – CPT, de Cruzeiro do Sul/Acre, 2019).

### **Crítérios de participação**

Para participação neste estudo, os participantes foram selecionados conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos inicialmente. Desse modo, como critério de inclusão foram estabelecidos os moradores com idade mínima de 18 anos e que praticassem a caça ou que fizessem outras formas de uso dos animais silvestres, com tempo de residência nas comunidades mínima de um ano, e como critério de exclusão foram estabelecidos os residentes nas terras indígenas.

### **Abordagem dos participantes**

A conversa inicial com os moradores ocorreu em suas residências, no mês de janeiro de 2021, onde foram esclarecidos os objetivos da pesquisa e como seriam suas participações, que ocorreu por meio da

resolução de perguntas encontradas em um formulário de caça para obtenção de dados sobre a relação individual de cada um com os animais silvestres (MOREIRA et al., 2002; OLIVEIRA et al., 2009; GIRALDI et al., 2010; RIBEIRO et al., 2016).

### **Obtenção dos dados**

As informações sobre a caça e o uso da fauna silvestre foram obtidas por meio de perguntas roteirizadas em um formulário, complementados por conversas informais gravadas no formato áudio, objetivando a obtenção de dados relacionados aos animais caçados; finalidades pós-caça, técnicas de caça utilizadas; frequência de caça; aumento ou diminuição na disponibilidade de espécies na mata; uso dos subprodutos; o conhecimento de zoonoses e possíveis alterações da prática de caça devido a COVID- 19. E, por último, para estabelecer o perfil dos participantes foram feitas perguntas relacionadas ao perfil socioeconômico de todos entrevistados.

A obtenção dos dados foi realizada no mês de fevereiro e agosto de 2021, e para a participação na pesquisa, todos os entrevistados foram convidados inicialmente a assinar o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sempre em duas vias, uma para o participante e a outra para a pesquisadora.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Perfil dos participantes**

Participaram desse estudo 67 famílias, onde 21 estão localizadas na comunidade Terra-firme de Cima, 15 na comunidade Terra-firme do Meio e 31 na comunidade Terra-firme de Baixo. Ao todo, foram entrevistados 134 comunitários, incluindo homens (58,96%) e mulheres (41,04%). Dos homens entrevistados, 96,2% são caçadores e 3, 8% são filhos que ainda não praticam a caça. A principal fonte de renda é obtida por meio da produção da farinha de mandioca, onde todos os homens ocupam a função de agricultor e as mulheres (89,09%) são donas de casa. Já como fonte de proteína animal, os animais cinegéticos (terrestres) correspondem ao principal recurso utilizado, onde o abate dessas espécies ocorre pela necessidade de saciar a fome.

A importância dos animais cinegéticos como fonte de proteína animal nessas comunidades é semelhante a outros estudos sobre caça em outras localidades do Acre, realizados por (ALMEIDA et al., 2012; LEMOS et al., 2018; DAMACENO et al., 2019), que também constataram a importância desse recurso para a subsistência de muitas famílias acreanas. Esses dados, além de confirmar a importância desses animais na dieta de determinados grupos de pessoas no estado, também demonstram a necessidade de ações voltadas para a conservação da fauna e a implantação de outras alternativas que subsidiem a segurança alimentar dessas famílias.

### **Espécies cinegéticas consumidas**

Como utilizadas na alimentação foram citadas 17 espécies distribuídas em 14 famílias, sendo os

mamíferos a maior riqueza taxonômica (n=11/61,11%), seguido pelas aves (n=4/27,78%), e por último os répteis (n=2/11,11%). Nas comunidades Terra-firme do Cima e Terra-firme do Meio, houve semelhanças em relação as 17 espécies citadas, já a comunidade Terra-firme de baixo apresentou menor semelhança, 12 espécies apenas. Todos esses dados estão descritos na tabela abaixo (Tabela 1), onde TFC = Terra-firme de Cima, TFM = Terra-firme do Meio, TFB = Terra-firme de Baixo, e TC= total de citações por espécies.

**Tabela 1:** Espécies de animais cinegéticos que fazem parte da dieta das comunidades em estudo.

Classe / Família	Nome científico	Nome popular	Comunidades			
			TFC	TFM	TFB	TC
<b>Mammalia</b>						
<b>Tayassuidae</b>						
	<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	Porco do mato, catitu	11	11	8	30
<b>Hydrochaeridae</b>						
	<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i> (Linnaeus, 1766)	Capivara	6	8	3	17
<b>Tapiridae</b>						
	<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	Anta	2	5	-	7
<b>Cervidae</b>						
	<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	Veado mateiro	16	11	9	30
<b>Dasyproctidae</b>						
	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)	Paca	26	12	16	54
<b><i>Dasyprocta</i> spp</b>						
	Dasyproctidae	Cutia	36	12	18	66
	<i>Dasypus novemcinctus</i>	Tatu verdadeiro, tatu galinha	11	6	4	21
<b>Felidae</b>						
	<i>Leopardus tigrinus</i>	Gato do mato, gato maracajá	11	2	-	3
	<i>Panthera onca</i> (Lineaus, 1758)	Onça-pintada	1	4	-	6
<b>Cebidae</b>						
	<i>Saimiri sciureus</i>	Macaco-de-cheiro	2	6	-	8
<b>Procyonidae</b>						
	<i>Nasua nasua</i>	Quati	3	4	2	9
<b>Aves</b>						
<b>Tinamidae</b>						
	<i>Tinamus guttatus</i> (Pelzeln, 1863)	Nambu galinha	19	26	18	63
	<i>Tinamus tao</i> (Temminck, 1815)	Nambu azul	3	9	6	18
<b>Cracidae</b>						
	<i>Penelope</i> spp1.	Jacu	6	9	3	18
<b>Ramphastidae</b>						
	<i>Ramphastos</i> spp.	Tucano	3	10	9	22
<b>Reptilia</b>						
<b>Testudinidae</b>						
	<i>Chelonoidis</i> spp.	Jabuti	3	11	6	20
<b>Alligatoridae</b>						
	<i>Melanosuchus niger</i> (Spix, 1825)	Jacaré-preto, Jacaré-açu	1	2	-	3

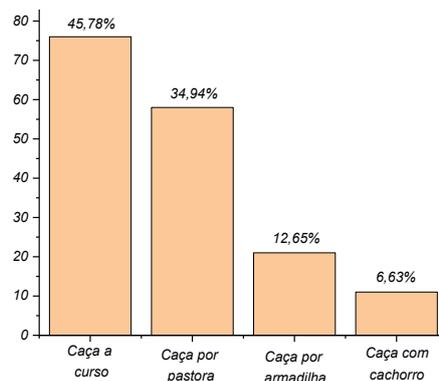
Assim, como nas comunidades estudadas, os mamíferos são o grupo com maior pressão de caça em muitas outras comunidades amazônicas, como mostram os estudos de (PERES, 2000; VALSECHI et al., 2009; FERREIRA et al., 2012; FIGUEIREDO et al., 2016; REIS et al., 2018; GUIMARÃES et al., 2019). Dentre esse grupo, a cutia (*Dasyprocta* spp.), foi a espécie mais citada, seguida pela paca (*Cuniculus paca*). Já a Inhambu (*Tinamus guttatus*), representa a principal espécie citada como mais consumida do grupo das aves, e o *chelonoidis* spp. como o principal representante dos quelônios.

A caça da paca (*Cuniculus paca*) também foi observada em outros estudos em comunidades rurais, tradicionais e indígenas amazônicas (RAMOS et al., 2008; CAJAÍBA et al., 2015; DAMACENO et al., 2019). Esse fato pode estar relacionado a apreciação do sabor da carne (ALMEIDA et al., 2012; RIBEIRO et al., 2016; GUIMARÃES et al., 2019), a utilização dos subprodutos como a bile(fel) e a banha (PEREIRA et al., 2010;

SOARES, 2013) ou pela alta disponibilidade de espécies na mata.

### Técnicas de caça utilizadas

Foi perguntado aos caçadores quais as técnicas de caça utilizadas para o abate ou captura dos animais., expostas na figura 1. Assim, foi identificado que todos os caçadores utilizam as mesmas técnicas, porém algumas são mais utilizadas como a caça a curso (n=76/45,78%) e a caça por pastora (n=58/34,94%), já outras como a caça por meio de armadilhas (n=21/12,65%) e a caça com cachorro (n=11/6,63%) são menos utilizadas.



**Figura 1:** Técnicas de caça utilizadas pelos caçadores das comunidades participantes.

A caça a curso ou excursão consiste na técnica em que o caçador percorre a pé, lenta e silenciosamente as trilhas existentes na floresta, sozinho ou em dois para evitar barulho ao pisar nas folhagens, até o encontro de algum animal de interesse (TRINCA, 2004).

A caça por pastora ou espera consiste em esperar o animal em pontos específicos, como árvores frutíferas e mananciais de água (BARBOSA et al., 2015). Nessa técnica, geralmente o caçador fica à espera do animal acomodado em uma rede ou “jirau, ficando a arma de fogo suspensa por forquilhas de varas e armadas na trilha ou ceva, em distintas alturas, para captura de animais, ou o próprio caçador pode atirar diretamente quando a caça se aproxima (GUIMARÃES et al., 2019).

A caça por armadilha geralmente é realizada próximo a locais com árvores frutíferas, onde o caçador deixa a espingarda suspensa em forquilhas, à espera do animal. O “bufete” (estrutura de cano, madeira e borracha que dispara o cartucho convencional), dispara com o toque do animal na linha que cruza perpendicularmente o caminho deste último (RAMOS et al., 2008). Essa técnica é considerada pelos caçadores entrevistados como uma técnica perigosa, visto que a mesma pode causar acidentes aos seres humanos que ao percorrer os locais das armadilhas, podem causar acidentalmente o disparo da arma de fogo. Tal estratégia também foi vista com receio por caçadores seringueiros em um estudo realizado em dois seringais acreanos (ROSAS et al., 2007).

A caça com cachorro consiste no auxílio desse animal doméstico para localizar as espécies cinegéticas com mais facilidade e até mesmo rapidez, já que esse animal consegue percorrer distâncias maiores em um período de tempo menor se comparado ao caçador. A utilização de cachorros na atividade de caça é uma prática comum na região amazônica (BONAUDO et al., 2005; LISBOA, 2002; TRINCA, 2004).

Alguns autores descrevem essa técnica como responsável pelo aumento do impacto direto sobre a

fauna por facilitar o abate simultâneo de indivíduos das espécies que formam bandos, devido ao ato de “acuar”, além do abate de espécies noturnas durante o dia, o que dificultaria a manutenção da população e a consequente integridade da espécie (RAMOS et al., 2008). O uso da arma de fogo (espingarda) é considerado por muitos autores a arma mais utilizada para a caça na Amazônia (PALHA et al., 1999; SILVA et al., 2004; TERRA et al., 2005; FIGUEIREDO et al., 2016). Nas comunidades estudadas, o resultado não foi diferente, sendo essa ferramenta considerada o principal instrumento utilizado para o abate dos animais pelos caçadores. Segundo Trinca et al. (2007), a arma de fogo confere uma caça muito mais eficaz quando comparada às armadilhas.

Tais técnicas também foram encontradas nos estudos de (CALOURO et al., 2005; MEDEIROS et al., 2006; ROSAS et al., 2007; SILVA et al., 2009; OLIVEIRA, 2012; LEMOS et al., 2018; DAMACENO et al., 2019), o que caracteriza essas técnicas como as principais formas de abate dos animais cinegéticos pelos caçadores do Acre. Essas técnicas de caça são ensinadas aos futuros caçadores, que desde cedo aprendem a manusear a arma de fogo (espingarda), porém só caçam nas proximidades da comunidade, e quando fazem trajetos maiores são guiados pelos pais, caçadores já experientes.

O modo de ensinar e preparar os filhos para serem futuros caçadores, é um compartilhamento de saberes, característica existente entre esses grupos sociais, que conforme as necessidades de sobrevivência, compartilham entre os seus familiares, as formas de utilização dos recursos naturais.

O conhecimento tradicional é fundamental para o sucesso da caçada, pois os indivíduos que dependem da caça como recurso devem contar com conhecimentos sobre os ambientes e os animais, assim essa atividade de caça não pode ser percebida apenas como processo técnico, pois é uma atividade que perpassada pelo conhecimento de uma ciência da natureza que orienta a captura dos animais (FRAXE et al., 2007).

### **Percepções sobre os animais cinegéticos**

Em relação a frequência de caça considerada bem-sucedida, ou seja, quando há o abate do animal, 86% dos caçadores relataram que na maioria das vezes não conseguem resultados positivos, ou que o animal caçado não fomenta muitas refeições, aumentando, portanto, as necessidades de mais idas a mata. Quando questionado se houve diminuição da visualização desses animais na região e se houve aumento no tempo de caçadas se comparado a atualidade a anos atrás (2 a 5 anos), todos os entrevistados (100%) afirmaram que sim.

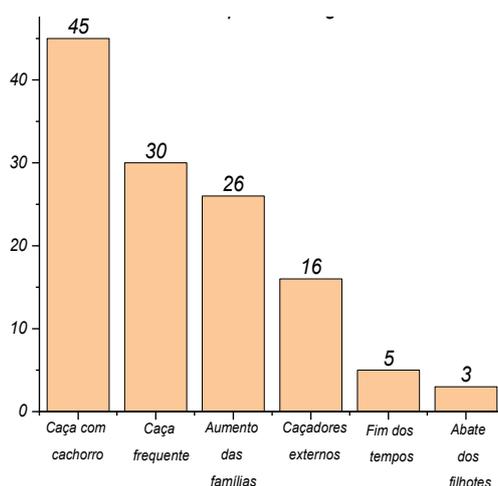
Esse fato pode indicar uma diminuição na densidade dos indivíduos devido ao alto grau de pressão sobre a espécies cinegéticas nas comunidades. Esses dados são, portanto, um importante alerta de que futuramente essa realidade possa estar mais crítica se não forem realizadas atividades que possam minimizar essa situação. Bezerra et al. (2012) citam que as principais ações a serem aplicadas para minimizar os impactos sobre as populações animais são o desenvolvimento de programas educacionais de manejo da vida selvagem, com fortes componentes de legislação ambiental e sua aplicação correta, a criação de canais de comunicação entre instituições acadêmicas e governamentais com populações humanas envolvidas na caça.

Além disso, o controle da caça e venda ilegal, o desmatamento e a implantação de alternativas de recurso alimentar, podem ser alternativas que viabilizem a diminuição dos impactos a essas espécies, e desse modo, as melhores condições de vida dos indivíduos que precisam desse recurso para subsistência/sobrevivência. As espécies citadas como mais difíceis de serem encontradas na mata atualmente foram o veado (*Mazama americana*), a anta (*Tapirus terrestris*) e a capivara (*Hydrochoerus hydrochoeris*), apresentados na tabela 2.

**Tabela 2:** Espécies de animais cinegéticos menos encontrados nas comunidades em estudo.

Classe / Família	Nome científico	Nome popular	Comunidades			
			TFC	TFM	TFB	TC
<b>Mammalia</b>						
<b>Tayassuidae</b>						
	Pecari tajacu (Linnaeus, 1758)	Porco do mato, Catitu	8	-	11	19
<b>Hydrochaeridae</b>						
	<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i> (Linnaeus, 1766)	Capivara	16	9	21	46
<b>Tapiridae</b>						
	<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	Anta	22	15	30	67
<b>Cervidae</b>						
	<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	Veado mateiro	10	13	11	34
<b>Dasyproctidae</b>						
	<i>Dasybus novemcinctus</i>	Tatu verdadeiro, tatu galinha	11	6	4	21
<b>Felidae</b>						
	<i>Priodontes maximus</i>	Tatu canastra	11	-	3	14
	<i>Saimiri sciureus</i>	Macaco-de-cheiro	2	6	-	8
<b>Procyonidae</b>						
	<i>Nasua nasua</i>	Quati	8	-	9	17
<b>Reptilia</b>						
<b>Testudinidae</b>						
	<i>Chelonoidis</i> spp.	Jabuti	16	-	3	29

A figura 2 abaixo, representa os motivos pelos quais os 134 participantes associam a diminuição da visualização das espécies cinegéticas na mata atualmente.



**Figura 2:** Percepção dos moradores das comunidades em estudo, 2021.

A caça com cachorro (n=45), a caça frequentemente realizada pelos caçadores da comunidade (n=30), o aumento das famílias (n=26), a realização da caça por caçadores externos, ou seja, que não moram nas comunidades estudadas (n=16), o fim dos tempos (5), que para esses informantes significa que todos os recursos naturais se tornam escassos naturalmente, e a caça aos filhotes (3), foram os motivos citados.

## Captura do animal vivo

Quanto a captura dos animais vivos, foi constatado os quelônios, como grupo mais afetado, especificadamente o jabuti (*Chelonoidis* spp.). Essa espécie corresponde a 96% das espécies citadas, seguida pelo Tracajá (*Podocnemis unifilis*) com 4% das citações, como mostra a tabela 3.

**Tabela 3:** Atividades realizadas após a captura dos quelônios.

Atividade pós captura	Comunidades / Total de citações		
	TFC	TFM	TFB
Consumo direto	9	4	11
Retirada de reimosidade	1	1	-
Engorda para consumo	6	2	12
Venda direta	-	-	-
Pets (criação doméstica)	3	-	1

Esse consumo isso pode estar associado ao fato de que a captura ou o abate desses animais não exigem esforços, devido ao comportamento do grupo. Talvez devido esse comportamento, os quelônios, principalmente os terrestres, sejam as espécies alvos de caça por populações amazônicas (VALSECCHI et al., 2013). Além disso, o animal capturado pode facilmente ser criado em sítios ou no próprio quintal das residências, sendo alimentados com verduras e legumes, resto de vísceras de animal e/ou com a sobra de comida humana (BRITO et al., 2016).

Um outro fator relacionado ao consumo dos quelônios, especificadamente ao jabuti (*Chelonoidis* spp.), pode estar associado a apreciação pelo sabor da carne. Em um trabalho realizado por Silva et al. (2018), em uma escola periurbana de Cruzeiro do Sul- Acre, 51,20% dos entrevistados) relataram consumir carne e derivados desses animais por apreciação do sabor. Semelhante a esse resultado, Oliveira et al. (2019), também constataram a preferência pelo sabor da carne por 89,3% dos entrevistados no perímetro urbano do mesmo município.

## Saberes tradicionais e uso dos subprodutos

Quanto aos fatores que podem ainda que involuntariamente diminuir a pressão de caça em determinadas espécies, foi questionado se havia alguma espécie que não eram utilizadas na alimentação, por questões religiosas, reimosidade ou receio de contrair doenças.

Desse modo, apenas 6% dos entrevistados afirmaram não consumir algumas espécies devido a reimosidade, que significa um potencial maléfico para algumas enfermidades. Dentre essas espécies, foram citadas o quati, pelo qual pode agravar um quadro de infecção em cortes ou cirurgias ainda não saradas. Já o macaco foi citado uma única vez como vetor de doenças, mas quando perguntado qual(is), não houveram respostas. Por fim, nenhum dos moradores deixam de consumir as espécies cinegéticas por questões religiosas.

Em relação ao uso dos subprodutos dos animais cinegéticos para fins medicinais, observou-se que a comunidade Terra-firme de baixo é a maior detentora desses conhecimentos, como mostra os dados da tabela abaixo (Tabela 4).

**Tabela 4:** Saberes populares relacionados a fauna cinegética.

Nome popular	Nome científico	Parte do animal (Doença)	Comunidades / TC		
			TCM	TFM	TFB
Porco do Mato	<i>Pecari tajacu</i>	Dente (Pneumonia)	6	3	8
Inhambu azul	<i>Tinamus tao</i>	Pena (Pneumonia)	-	1	1
Cuandú	<i>Coendou prehensilis</i>	Gordura (Inflamações)	-	-	4
Paca	<i>Cuniculus paca</i>	Gordura (Inflamações)	-	-	6
Jabuti	<i>Chelonoidis spp</i>	Pó do casco (Dores nas costas)	13	3	15
Jacaré	<i>Melanosuchus niger</i>	Gordura (Inflamações respiratórias)	3	-	8

Dos 134 entrevistados, todos alegaram não haver nenhum tipo de programa de incentivo à criação de animais domésticos para obtenção de proteína animal, e tampouco algum programa de prevenção a zoonoses. Todos também relataram que gostariam que tivesse projetos de criação de animais domésticos e que isso, diminuiria a pressão exercida nas espécies cinegéticas.

### Relação caça x pandemia x zoonoses

Quanto ao interesse em saber se a pandemia da Covid-19 alterou de alguma forma a prática de caça, foi para identificar se houve influência quanto essa problemática e a caça, já que uma das teorias levantadas sobre a origem do Coronavírus (SARS-CoV-2) diz que o vírus passou do morcego para um mamífero intermediário, e dele para o ser humano. Desse modo, esses moradores poderiam associar esse fato como possíveis zoonoses a serem transmitidas pelos animais cinegéticos e assim diminuir a prática de caça.

A única alteração relacionada a prática de caça e a pandemia, foi citada por apenas um caçador (n=134/1%), onde houve o aumento da frequência de caça, pois a pandemia influenciou na volta dos familiares que até então residiam na área urbana do município, aumentando assim a quantidade de pessoas na casa e consequentemente a necessidade de maior quantidade de alimentos.

Ainda que não exista em nenhuma dessas comunidades, propostas de orientação quanto as zoonoses causadas por animais cinegéticos, é de extrema importância que ações como essas sejam implantadas, pois há muitos animais que são utilizados na alimentação e que são vetores de doenças. Assim é importante que haja a conscientização e o compartilhamento de informações sobre essa temática, para que situações como a qual estamos vivenciando agora sejam evitadas.

### CONCLUSÕES

Conforme os dados adquiridos por meio desse estudo, as comunidades estudadas apresentam grande dependência de uso dos animais silvestres para obtenção de proteína animal, sendo estes o principal recurso utilizado nas refeições principais. A caça exercida entre esses comunitários se caracteriza como de subsistência, uma vez que é realizada apenas para consumo da família, onde os caçadores afirmam tal prática apenas para saciar a fome.

Em relação aos animais mais consumidos, foram citados a cutia, a inhambu galinha, a paca e o porco do mato. Isso significa que essas espécies são as que mais sofrem pressão de caça nessas comunidades. Nesse contexto, se torna necessário a implantação de ações que viabilizem a diminuição da pressão de caça entre essas espécies, evitando assim, o que já ocorre com a anta, a capivara e o veado mateiro, citados como

difícilmente visualizados pelos caçadores na região.

Quanto as técnicas utilizadas, foram citadas a caça a curso, caça por armadilha, caça por pastora e caça com cachorro em todas as comunidades. A caça para venda ou troca por produtos não foi citada. A caça com cachorro é motivo de debate entre os participantes, uma vez que para uns essa técnica distancia os animais das áreas de caça, e já para outros, é o meio mais fácil de abater algum animal atualmente.

Outro fator importante é a percepção dos moradores em relação a atual disponibilidade das espécies cinegéticas encontradas na mata, onde a maioria afirma a dificuldade de encontrar esses animais para captura. Isso influencia diretamente na segurança alimentar dessas famílias, pois o principal recurso proteico é derivado desses animais.

Nesse atual cenário, fundamenta-se a importância de discussões sobre alternativas que podem ser implantadas nas comunidades para diminuir a pressão de caça entre os animais cinegéticos, como rodízios nas zonas de caça, extinção da caça com cachorro e alternativas de subsidio alimentar como a criação de animais domésticos (porco, galinha). Fundamenta-se também a importância de ações de educação ambiental tanto formal quanto informal, para que esses participantes possam compreender a importância da necessidade de conservação desses animais nessas comunidades, e que assim, suas próximas gerações não precisem passar pelo status de insegurança alimentar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, G. S.; SOUSA, P. O.; SOUZA, A. M.; SOUZA, C. R.; OLIVEIRA, K. A.. Percepção das populações do entorno do Parque Nacional da Serra do Divisor – Acre sobre a caça cinegética e seus efeitos sobre a abundância dos recursos faunísticos. **Enciclopédia Biosfera**, v.8, n.15, p.1902, 2012.

ALVES, R. R. N.; MENDONÇA, L. E. T.; CONFESSOR, M. V. A.; VIEIRA, W. L. S.; LOPEZ, L. C. S.. Hunting strategies used in the semi-arid region of northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v.5, n.12, p.1-50, 2009.

BAIA JUNIOR, P. C. **Caracterização do uso comercial de subsistência da fauna silvestre no município de Abetuba, Pará**. Dissertação (Mestrado em Ciência Animal) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2006.

BARBOSA, J. A. A.; AGUIAR, J. O.. Conhecimentos e usos da fauna por caçadores do semiárido brasileiro: um estudo de caso no norte da Paraíba, Nordeste do Brasil. **Biotemas**, v.28, n.2, p.137-148, 2015.

BEZERRA, D. M. M.; ARAÚJO, H. F. P.; ALVES, R. R. N.. Captura de aves silvestres no semiárido brasileiro: técnicas cinegéticas e implicações para conservação. **Tropical Conservation Science**, v.5, p.50-66, 2012.

BONAUDO, T.; LE PENDU, Y.; FAURE, J. F.; QUANZ, D.. The effects of deforestation on wildlife along the transamazon highway. **Eur. J Wildl Res.**, v.51, p.199-206, 2005.

BRITO, T. P.; LIMA, E. B. S.; ROSA, J. C. G. S.. Avaliação do consumo de quelônios no município de castanhal –Pará – Brasil. **Revista Ouricuri**, v.6, n.1, p.071-103, 2016.

CALOURO, A. M.; MARINHO FILHO, J. S.. A sustentabilidade

da caça de subsistência entre seringueiros do Acre (Brasil). In: DRUMOND, P. M.. **Fauna do Acre**. Rio Branco: EDUFAC, 2006.

DAMACENO, A. B.; ORTEGA, G. P.; TURCI, L. C. B.. Uso da caça de subsistência no assentamento Santa Luzia, Cruzeiro do Sul, Acre. **PUBVET – Medicina veterinária e zootecnia**, v.13, n.2, p.1-8, 2019.

DAVIES, G.. Bushmeat and international development. **Conservation Biology**, v.16, p.587-589, 2002.

DIRZO, R.; YOUNG, H. S.; GALETTI, M.; CEBALLOS, G.; ISAAC, N. J.; COLLEN, B.. Defaunation in the Anthropocene. **Science**, v.345, n.6195, p.401-406, 2014.

FERREIRA, D. S. S.; CAMPOS, C. E. C.; ARAÚJO, A. S.. Aspectos da atividade de caça no assentamento rural Nova Canãa, município de Porto Grande, estado do Amapá. **Biota Amazônica**, v.2, n.1, p.22-31, 2012.

FIGUEIRA, M. L. O. A.; CARRER, C. R. O.; SILVA NETO, P. B.. Ganho de peso e evolução do rebanho de queixadas selvagens em sistemas de criação semi-extensivo e extensivo, em reserva de Cerrado. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.32, p.191-199, 2003.

FIGUEIREDO, R. A. A.; BARROS, F. B.. Sabedorias, cosmologias e estratégias de caçadores numa unidade de conservação da Amazônia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v.36, p.223-237, 2016.

FITA, D.; COSTA NETO, E. M.. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozootecnia. **Biotemas**, v.20, p.99-110, 2007.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C.. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. 2 ed. EDUA Universidade do Amazonas, 2007.

GIRALDI, M.; HANAZAKI, N.. Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis, SC, Brasil. **Acta Botânica Brasilica**, São Paulo, v.24, n.2, p.395-406, 2010.

GUIMARÃES, C. D. G.; PALHA, M. D. C.; TOURINHO, M. M.. Estratégias e dinâmicas de caça na Ilha de Colares, Pará, Amazônia Oriental. **Biota Amazonia**, v.9, n.1, p.5-10, 2019.

LAURENCE, W. F.; USECHE, D. C.. Environmental synergisms and extinctions of tropical species. **Conservation Biology**, v.23, n.6, p.1427-1437. 2009.

LEE, R. B.; DEVORE, I.. **Man the hunter**. Routledge, 2017.

LEMO, L. P.; AMARAL, J. V.; SANTOS, A. S.; KOGA, D. M.; SILVA, F. E.. Caça de vertebrados no Parque Nacional da Serra do Divisor, Acre. **Biodiversidade Brasileira**, v.8, c.1, p.69-88, 2018.

LIEBENBERG, L.. **The origin of science**. Cape Cybertracker, 2013.

LISBOA, P.. **Natureza, homem e manejo de recursos naturais na região de Caxiuanã, Melgaço, Pará**. MCT, Museu Paraense Emílio Goeldi, 2002.

LOPES, A.; ALKEMADE, R.; SCHIPPER, A. M.; INGRAM, D. J.; VERWEIJ, P. A.; EIKELBOOM, J. A. J.; HUIJBREGTS, M. A. J.. The impact of hunting on tropical mammal and bird populations. **Science**, v.356, p.180-183, 2017.

LOURENÇO, L. L.; NETO, J. F. O.; ROMANO, C. A.; PONTES, U. M. F.. Tráfico de animais: O que dizem os alunos do ensino médio? **Revista Educação em Ciências e Matemática**, v.13, c.26, p.100-108, 2017.

MEDEIROS, M. F. S. T.; GARCIA, L.. O consumo e as estratégias de caça utilizadas pelas populações tradicionais da Reserva Extrativista Chico Mendes. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v.7, n.12, p.121-134, 2006.

MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; BROOKS, T. M.; PILGRIM, J. D.; KONSTANT, W. R.; FONSECA, G. A. B.; KORMOS, C.. Wilderness and biodiversity conservation. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v.100, n.18, p.10309-10313, 2003.

MORÁN, E. F.. **A ecologia humana das populações Amazônicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MOREIRA, R. D. C. T.; COSTA, L. C. D. B.; COSTA, R. C. S.; ROCHA, E. A.. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na Vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v.21, n.3, p.205-2011, 2002.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M.. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista brasileira de Biociências**, v.7, n.3, 2009.

OLIVEIRA, M. A.. Efeitos da caça de subsistência sobre a

comunidade de mamíferos de uma reserva extrativista na Amazônia Sul-ocidental. **Ecologia**, 2012.

OLIVEIRA, M. N.; COSTA, E. N.; VASCONCELOS, V. S.; MATOS, R. P.; MORAES, L. G. L.; CORREIA, M. J.; LOPES FILHO, I. I.; SILVA, M. I. A.; SILVA, T. L.. Consumo de quelônios no perímetro urbano de Cruzeiro do Sul, Acre, Brasil. **Gaia Scientia**, v.13, n.4, p.99-108, 2019.

PALHA, M. D. C.; SARDINHA, A. S. A; RIBEIRO, D. B. R.; HAMOY, M.; TOURINHO, M. M.. Levantamento de fauna silvestre em duas comunidades de várzea da Amazonia Oriental. In: FANG, T. G.; MONTENEGRO, O. L.; BODMER, R. E.. **Manejo y Conservación de Fauna Silvestre en América Latina**. La Paz: Wildlife Conservation Society, 1999. p.83-95.

PEREIRA, J. P. R.; SCHIAVETTI, A. Conhecimento e usos da fauna cinegética pelos caçadores "Tupinambá de Olivença" (Bahia). **Biota Neotropica**, v.10, n.1, 2010.

PERES, C. A.. Effects of subsistence hunting on vertebrate community structure in Amazonian Forests. **Conservation Biology**, v.14, p.240-253, 2000.

PERES, C. A.; DOLMAN, P. M.. Density compensation in neotropical primate communities: evidence from 56 hunted and nonhunted Amazonian forests of varying productivity. **Oecologia**, v.122, p.175-189, 2000.

PERES, C. A.; PALACIOS, E.. Basin-wide effects of game harvest on vertebrate population densities in Amazonian forests: implications for animal-mediated seed dispersal. **Biotropica**, v.39, n.3, p.304-315, 2007.

RAMOS, R. M.; CARMO, N. S.; PEZZUTI, J. C. B.. **Caça e uso da fauna**. Atlas socioambiental: municípios de Tomé-Açu, Aurora do Pará, IPIXUNA DO PARÁ, PARAGOMINAS e ULIANÓPOLIS, 2008.

RAMOS, R. M.; PEZZUTI, J. C.; VIEIRA, E. M.. Age structure of the Vulnerable white-lipped peccary *Tayassu pecari* in areas under different levels of hunting pressure in the Amazon Forest. **Oryx**, v.50, n.1, p.56-62, 2016.

REIS, Y. S.; VALSECHI, J. QUEIROZ, H.. Caracterização do uso da fauna silvestre para subsistência em uma unidade de conservação no oeste do Pará. **Revista Biodiversidade Brasileira**, v.8, c.2, p.187-202, 2018.

RIBEIRO, A. S. S.; PALHA, M. D. C.; TOURINHO, M. M.; WHITEMAN, C. W.; SILVA, A. S. L.. Utilização dos recursos naturais por comunidades humanas do Parque Ecoturístico do Guamá, Belém, Pará. **Acta Amazonica**, v.37, p.0044-5967, 2007.

RIBEIRO, S. C.; DE MELO, N. D. P.; BARROS, A. B.. Etnoconhecimento de pequenos agricultores tradicionais sobre plantas medicinais no tratamento de dores provocadas pelo trabalho. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v.24, n.3, 2016.

ROSAS, G. K. C.; DRUMOND, P. M.. **Caracterização da caça de subsistência em dois seringais localizados no Estado do Acre (Amazônia, Brasil)**. Embrapa Acre, 2007.

ROSSER, A.M.; MAINKA, S.A. Overexploitation and species

extinctions. **Biological Conservation**, v.16, n.2, p.584-586, 2002.

SHIPMAN, P.. The Animal Connection and Human. **Current Anthropology**, v.51, n.4, p.519-538, 2010.

SILVA, A. L.; BEGOSSI, A.. Uso de Recursos por Ribeirinhos do Médio Rio Negro. In: BEGOSSI, A.. **Ecologia de Pescadores da Amazônia e da Mata Atlântica**. São Paulo. Hucitec, 2004. p.87-145.

SILVA, A. S. L.. Utilização dos recursos naturais por comunidades humanas do Parque Ecoturístico do Guamá, Belém, Pará. **Acta Amazônica**, v.37, p.235-240, 2007.

SILVA, F. P. C.; DRUMOND, P. M.. **Mamíferos e Aves Encontrados em Fragmento Florestal Localizado no Projeto de Colonização Pedro Peixoto, Acre, Amazônia Ocidental**. Embrapa Acre, 2009.

SILVA, T. L.; PINHO, R. E. O.; OLIVEIRA, M. N.; SILVA, L. L.; LOPES - FILHO, I. I. VASCONCELOS, V. S.; SILVA, A. S.. Perspectivas de estudantes sobre a conservação de quelônios em uma escola da zona periférica de Cruzeiro do Sul, Acre. **Revista Communitas**, v.2, n.3, p.304-313, 2018.

SOARES, M. L.. **Uso e conservação da mastofauna por comunidades rurais da ilha de Colares, Pará**. Dissertação (Mestrado em Saúde e Produção Animal na Amazônia) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2013.

STANFORD, C. B.. **The hunting apes: Meat eating and the origins of human behavior**. Princeton University Press, 1999.

TERRA, A. K.; REBELO, G. H.. O uso da fauna pelos moradores da Comunidade São João e Colônia Central. In: SILVA, E. N. S.; APRILE, F. M.; SCUDLLER, V. V.; MELO, S.. **Meio Físico, Diversidade Biológica e Sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central**. Manaus: INPA, 2005.

TILMAN, D.; CLARK, M.; WILLIAMS, D. R.; KIMMEL, K.; POLASKY, C. P.. Future threats to biodiversity and pathways to their revention. **Nature**, v.546, n.7656, p.73-81, 2017.

TRINCA, C. T.. **Caça em assentamento rural no sul da floresta amazônica**. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

TRINCA, C. T.; FERRARI, S. F.. Game Populations and Hunting Pressure on a Rural Frontier in Southern Brazilian Amazonia. **Biologia Geral e Experimental**, v.7, p.5-16, 2007.

VALSECCHI, J.; AMARAL, P. V.. Perfil de caça dos caçadores na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas-Brasil. **Uakari**, v.5, n.2, p.33-48, 2009.

VALSECCHI, J.; FIGUEIRA, J. E. C.. **Caça de Animais Silvestres nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã**. Tese (Doutorado em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

WITKOSKI, A. C.. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais**. Universidade Federal do Amazonas, (Série: Amazônia: a terra e o homem), 2007.

Os autores detêm os direitos autorais de sua obra publicada. A CBPC – Companhia Brasileira de Produção Científica (CNPJ: 11.221.422/0001-03) detêm os direitos materiais dos trabalhos publicados (obras, artigos etc.). Os direitos referem-se à publicação do trabalho em qualquer parte do mundo, incluindo os direitos às renovações, expansões e disseminações da contribuição, bem como outros direitos subsidiários. Todos os trabalhos publicados eletronicamente poderão posteriormente ser publicados em coletâneas impressas ou digitais sob coordenação da Companhia Brasileira de Produção Científica e seus parceiros autorizados. Os (as) autores (as) preservam os direitos autorais, mas não têm permissão para a publicação da contribuição em outro meio, impresso ou digital, em português ou em tradução.